

*Contos de Terror do Homem - Perfil /
Lista: Assiquant / (veterinary), 2017*

Nascido em 1986, **Guilherme Trindade Filipe** passou a sua infância em Macau, tornando-se rapidamente influenciado não só pelo Oriente, como também pelos produtos televisivos e cinematográficos do mundo falante do Inglês. Além do audiovisual, tomou interesse pela banda desenhada, jogos de fantasia e ficção científica e, talvez tardiamente, pela literatura, não só fantástica, como também clássica. O gosto pela escrita resultou em quatro prémios literários (dois anos consecutivos, 1.º lugar no concurso literário de contos da Escola José Gomes Ferreira; um prémio a nível nacional da Porto Editora, graças a um conto de Natal; e um outro da Escola Superior de Comunicação Social, também por um conto). O gosto pela escrita criativa também o levou à mudança de curso, de Jornalismo para Audiovisual e Multimédia, tendo o interesse pelo cinema e pela televisão, em particular por guionismo e realização, resultado (trabalhando em conjunto com três colegas) no programa humorístico de sketches **Segue-se o Gratuito**, exibido irregularmente no espaço E2, na RTP2, entre outros projectos de ficção, que podem ser encontrados no blog <http://sexogratis.blogspot.com/>.

Tentáculos é a primeira tentativa de Guilherme no género literário de Terror e foi uma forma de exorcizar o seu próprio medo de cefalópodes, que o acompanha desde que a sua primeira namorada foi comida por uma lula gigante.

Menção Especial do Júri do
1.º Concurso
Contos de Terror CTIX

Tentáculos

por **Guilherme TRINDADE FILIPE**

“Lulas?!” exclamou o Dr. Brito, enquanto limpava as lentes dos óculos. Francisco não conseguia deixar de pensar no Dr. Brito como uma grotesca caricatura de Sigmund Freud, o que era irónico, já que era o seu psicólogo.

“Deixe que lhe diga, não é uma fobia muito comum, Sr. Antunes”, completou. “Mas diga lá, então, o que as lulas têm de tão aterrador.” O ar do Dr. Brito não era de compaixão, mas de enfado. Ele era um público exigente à espera de ser entretido pelo drama da vida de Francisco, mas com poucas esperanças de o ser.

Francisco começou, algo intimidado pela óbvia indiferença do seu psicólogo. Preferiu olhar pela janela enquanto falava com ele. Estava a chover e a trovejar lá fora, como nos seus sonhos, mas sempre era melhor que olhar para o homem mascarado de Sigmund Freud no outro lado da sala, picando o ponto na sua poltrona, tão obviamente mais confortável que o reles divã duro relegado aos clientes — perdão, pacientes.

"Polvos, senhor doutor, não lulas. Quer dizer... lulas também, não sei, cefalópodes em geral."

"Até choccos?", inquiriu o Dr. Brito, tentando o seu melhor para parecer sério, mas deixando escapar um esgar de gozo. Francisco estava já visivelmente abalado, custava-lhe pensar naqueles tentáculos viscosos, naqueles olhos amarelos de pupilas siameas, na bulbosidade das cabeças moles, tudo isso lhe fazia asco e medo, e já os primeiros suores frios percorriam as suas costas. Era compreensível, então, devido ao legítimo pânico provocado por estas criaturas marinhas, que Francisco respondesse mal ao tom jocoso do seu suposto curandeiro.

"Desculpe lá, Doutor, mas estou a pagar-lhe trezentos euros à hora, podia ao menos fingir algum interesse no que estou a dizer." Imediatamente, o Dr. Brito tomou um ar sério. Mas não pareceu que fosse pedir desculpa. "Francisco, só porque me paga para o ouvir, não me sinto, de maneira nenhuma, obrigado a achá-lo interessante. Há linhas telefónicas para isso, ou então arranje uma namorada. A minha profissão é tratá-lo. Por isso, responde às minhas perguntas, já que está no seu interesse fazê-lo. A sua saída infeliz foi útil, no entanto. Revela já um sintoma: paranóia.", e Dr. Brito escreveu no seu bloco de notas, ao lado dos desenhos que fazia enquanto Francisco falava. "Portanto, até choccos?"

"Sim, até choccos.", respondeu Francisco, derrotado. Continuou, com algum custo. "Eu... há qualquer coisa nos tentáculos que me... inquieta. A maneira como eles se mexem... põe-me fisicamente doente."

"Mas tem nojo ou medo, afinal?"

"Medo!", Francisco levantou a voz, por momentos, e depois corrigiu-se. "Pavor... polvos são... predadores... eu vi uma vez um documentário em que eles conseguiam mudar de cor e esconder-se mesmo à frente dos nossos olhos... e, quase como reflexo paranoico, os olhos de Francisco percorreram o quarto à procura de choccos camuflados.

"E acha que eles podem estar em qualquer lado, é? Prontos para o atacar?"

"Não é isso. Eu sei que não vai aparecer nenhum polvo, mas... e se aparecer?"

"Mas aparecer onde? Você vive no meio da cidade e o rio é demasiado po-

luído para haver lá seja o que for."

"Eu tive sonhos onde... estou... à medida que a frase de Francisco continuava, o sangue subia-lhe à cara, acalorando-o. "Na casa de banho... e sou... erm... atacado."

Deixa vez, o psicólogo soltou um nítido riso abafado, para grande frustração do já envergonhado Francisco. "Portanto... na retrete?", Dr. Brito tentou esconder o quanto achava ridícula a aflição do seu paciente, procurando continuar a sessão com o ar mais profissional que conseguia emular.

"Sim... mas não é só aí... eu não consigo ir à praia, tenho medo de passar à beira-rio... tenho medo de passar pela secção de peixaria do supermercado."

"Mas, entende que nenhum chocco, muito menos um chocco morto, o vai atacar? Racionalmente, compreende isto, certo?"

"Claro que sim... mas... não é por isso que consigo deixar de pensar nisso. Há noites em que... simplesmente, fico acordado, porque tenho medo de... morrer."

"Acha que um chocco vai estrangulá-lo, ou...?"

"Não... de ver a criatura à minha frente. De ter um ataque cardíaco, só disso."

O bom doutor ainda tentou pensar numa resposta, mas decidiu saltar para a parte de análise e tratamento. "Bem, Francisco, se sente que a sua fobia o impede de continuar a sua vida normalmente..."

"Impede, doutor. Foi por isso que cá vim. Eu... hoje no emprego. Eu sou um bancário, nada relacionado com cefalópodes, mas... estava a almoçar no refeitório e era arroz de polvo o almoço. Eu nem tinha reparado na comida até estar com o tabuleiro mesmo à frente e serviram-me uma dose enorme... e eu juro que vi os tentáculos a sair lentamente do arroz, rastejando para fora, puxando-se para fora... babando aquela tinta preta. Fiquei paralisado de medo, sem saber o que fazer, era como se eu fosse o único a ver aquilo, ninguém à volta reparava... e do nada, um tentáculo saltou-me para a mão, como se me fosse agarrar, e eu... entrei em pânico."

"Quando diz que entrou em pânico..."

"Eu... gritei e desmaiei e quando acordei... tinham-me levado para o ga-

binete do meu chefe. E ele obrigou-me a cá vir."

"Bem, tenho aqui o seu historial clínico, que irei estudar antes da próxima consulta. Digamos, hoje a oito, mesma hora?", Dr. Brito apressou-se a marcar a data na sua agenda, não esperando pela resposta de Francisco. "Entretanto, quero que faça uma coisa primeiro. Um trabalho de casa. Quero que vá a um mercado, daqueles antigos, com o peixe vivo exposto à frente de toda a gente. Quero que compre um choco, ou uma lula, ou um polvo. Pequenino. Vivo. E quero que o mate, da maneira que achar mais apropriada. E o coma."

Francisco ficou imediatamente aterrorizado com a ideia. "Mas eu nem vou conseguir chegar perto, não me pode pedir isso, eu... vai-me matar.", concluiu, em tom premonitório, acompanhado por um trovão com um sentido de *thing* digno de um filme de Bela Lugosi. Ainda estava a chover lá fora. Como nos sonhos. Os sonhos em que eles chamavam por ele. Com os seus tentáculos púrpuras deslizando pela sua pele, largando o seu muco translúcido por onde passavam, tentáculos de leviatã vindos do nada.

"Francisco, ouça.", a voz do Dr. Brito parecia um calmante sonoro, um Xanax monótono que voava da boca treinada do psicólogo para os ouvidos irrequietos de Francisco, "Se quiser, peço a um colega meu, psiquiatra, para lhe recetar uns comprimidos para a ansiedade. Mas tem de fazer isto. O seu medo é profundamente irracional, motivado sabe-se lá por que experiência traumática que tenha tido, talvez qualquer coisa a ver com a sua mãe, mas antes de chegarmos lá, precisa de criar defesas contra o objecto do seu medo. O acto simbólico da morte e do consumo do animal vai criar em si um sentimento de conquista. Uma fortaleza de onde atacar o seu medo. Um bom conselho que tenho para si é... oh! Veja as horas, parece que acabou a sua sessão, até para a semana!"

Francisco foi rapidamente expulso do consultório, sem saber o que dizer, apenas pensando na estranha imagem do Dr. Brito a olhar para o pulso sem estar a usar relógio, enquanto lembrava o seu paciente que a sessão chegara ao fim.

O caminho para casa foi longo e em nada reconfortante. Entreranto, anoi-tecera, apesar de nem serem seis da tarde, estávamos no pico do Inverno. Hou-

ve greve geral de transportes e Francisco fora forçado a andar para casa, já que não tinha carro — tinha medo de ter um acidente por ver uma lula a passar na rua. Durante o caminho, foi evitando todas a poças e sarjetas que via... podia jurar que, no canto do olho, tinha visto, um dia, um tentáculo rosado a escapar-se por entre as grades do esgoto.

Chegou a casa e teve mais uma noite sem sono. Tinha uma tarefa hercúlea à frente. Ele mal podia olhar para os bizzarros animais marinhos, quanto mais estar perto de um o tempo suficiente para o matar. Não conseguia deixar de pensar naquelas ventosas pegando-se à sua pele, desfazendo-a, rasgando-a à medida que se soltavam e puxavam mais e mais da sua carne, até aos bicos que tinham no centro dos tentáculos e serviam de boca. Francisco estava a tremor e não conseguia parar. Podia jurar que estava qualquer coisa atrás de si e virava-se para trás, como se para apanhar a criatura, mas nada aparecia. Apenas as paredes brancas e lisas de sua casa. Francisco tinha-as repintado para não haver rachas de onde pudesse imaginar que surgissem tentáculos. Ele sabia que os polvos podiam passar pela frecha mais ínfima, com os corpos moles deles.

Havia outra mudança na casa que a fobia tinha provocado. Uma divisão completamente vazia. Só com um banco no meio. E uma porta. E nada podia entrar lá, sem ele ver. A não ser que irrompesse pelas paredes. Ou pelo tecto. Ou pelo chão. Por isso é que não podia ficar no quarto. Poderia ser apanhado desprevenido. Então, sentou-se no banco, que era alto, como aqueles que há nos bares, e ficou sem tocar com os pés no chão, e passou as duas horas que se seguiram a perscrutar a sala, em perféito silêncio. Até adormecer de exaustão, sentado no banco, sem ter os pés a tocar no chão.

Chovia. Torrencialmente. Como nos sonhos. Francisco sabia que isto era um sonho. Estava no pântano ao qual voltava tantas vezes. Então, é que teve mesmo medo. Porque sabia que aqui eles podiam apanhá-lo e ninguém saberia de nada. Sentiu algo frio e viscoso a tocar-lhe no ombro. Eles tinham chegado. De imediato, dezenas de tentáculos, puro músculo, puxaram-no para baixo, para dentro da água, sussurrando horrores numa língua alienígena. Uma pancada forte.

Francisco acordou e viu que tinha caído do banco. Uma dor de cabeça

assim não era uma boa maneira de acordar. Francisco levantou-se e arrastou-se por casa até ao chuveiro. Tomava sempre duche, sempre longe do ralo e tinha a certeza que os duches eram rápidos. Saindo do banho, confrontou-se com o espelho. O mesmo ar pálido e adoentado de sempre. O mesmo cabelo preto, curto, agora molhado. A mesma falta de músculo e corpo digno de um refugiado esfomeado. Nada melhor que tapar isto tudo. Passou-lhe pela cabeça a ideia de uma *burka* masculina, mas, infelizmente, quem tapa a cara é visto com alguma desconfiança na nossa sociedade.

E estava pronto para sair, mas lembrou-se que não tinha de ir para o emprego naquele dia. Então, paralisou à frente da porta, de fato e gravata. Se saísse agora, só tinha uma coisa para fazer: Ir ao mercado e matar uma lula.

“Olh'ó polvinho fresco, só sete euros o quilo!”

Os pregões das peixeiras saltavam do mar de burburinho do mercado, apenas para se voltar a afogar no ruído, ressurgindo outro brado, do outro lado, como um concerto cacofónico de ecos dissonantes. Francisco não se sentia bem, definitivamente. Nem mesmo o barulho da feira conseguia distraí-lo do tambor de guerra em que se tornara o seu coração. Ele via-os dentro dos seus caixotes e expostos vivos sobre o gelo picado, remexendo-se desesperadamente, procurando as águas familiares a que nunca voltariam. Via-os a serem cortados às postas, vivos, uns à frente dos outros, sem gemer, sem gritar, apenas remexendo-se, os tentáculos retesando-se até caírem moles e sem vida. Teria pena deles, se não tivesse tanto medo.

Aproximou-se lentamente das bancas da peixaria e endereçou à senhora de voz trovejante, interrompendo o seu pregão. A mulher era daquelas mulheres que não consideramos mulheres, que são uns ogreiros de verrugas e buço, bastante amigas do vernáculo, que nunca entrariam na fantasia de ninguém; embora seja certo que algures na Internet haja um site dedicado unicamente a satisfazer quem tem fetiche por peixeiras. Nada contra a senhora, mas às vezes as pessoas são feias e é preciso frisá-lo, para que não restem dúvidas.

“Então diga lá, menino, o que é que vai ser? Hoje, temos perca, polvo, peixe-espada, dourada, postas de pescada...”, a mulher continuou a enumerar a sua litania de fauna aquática por entre a sua bocarra desdentada, mas Fran-

cisco apenas tentava conter a sua bexiga e os seus suores frios. Estava tão perto das criaturas. Tinha a certeza que elas estavam a olhá-lo, com os seus olhos amarelados, doentios, maliciosos. Elas odiavam-no com um ódio tão animal, tão irracional como o medo que ele tinha.

“Era... uma lula. A mais pequena que tiver.”, disse Francisco, tapando o nariz para afastar o cheiro. O suor escapara-se para os seus olhos, que ardiam levemente e tremiam. Batia o pé nervosamente, mantendo um olho na peixeira, outro no polvo monstruoso que abria caminho à sua direita, por entre as tainhas e as percas, com os seus tentáculos viscosos, pingando tinta preta à medida que avançava.

“Não admira que esteja tão magrinho!”

A peixeira procurou no tanque a mais miserável e medíocre anã, por entre as lulas que lá estavam. Surgiu-lhe, atada à mão com os seus tentáculos como uma criança pregada à saia da mãe, a lula mais ridícula que alguma vez surgira à face da terra, um ser tão fraco e débil que não teria sobrevivido nunca à vida nos grandes mares e já teria tido a monumental sorte de ter sobrevivido a ser canibalizado pelos seus irmãos enquanto infante. Esta era, sem dúvida, a lula mais patética alguma vez vista pelo Homem. Mesmo assim, era um horror lovecraftiano aos olhos de Francisco, uma aberração carnívora, vil, sedenta do seu sangue.

“Quer como? Às postas?” “Sim, por favor. Mate-me essa aberração”, pensou Francisco. Mas resistiu. “Não, é para levar para casa. Viva.”

“Há animais de estimação melhores, amigo!”, disse a peixeira com um ar de gozo, e a lulinha foi diretamente para um saquinho transparente cheio de água e lá ficou a pairar. Um nó e estava selado. Com algum asco, Francisco pegou no saco e entregou uma nota de dez à peixeira, sem esperar pelo troco. Aquele polvo praticamente lambia os beiços só de olhar para ele.

A lula olhava-o inocentemente através do saco de plástico, agora pousado sobre o balcão da sua cozinha. Sentado, do outro lado, erguendo um facalhão de talhante, estava Francisco, com medo sequer de se aproximar. De vez em quando, arriscava-se, saía da cadeira, apenas para se voltar a sentar, acocorado contra a mesma.

Abriu uma torneira e deixou a água correr para dentro de uma panela. O lume já estava a arder e, assim que pôs o recipiente sobre o bico acceso do fogão, imaginou o sofrimento medieval que iria infligir sobre a lulinha. Viu as primeiras bolhas a surgir, antes de toda a panela irromper num ferver agressivo e homicida.

A Lula olhava-o, medricas, talvez sabendo o que a esperava. Com grossas lutas amarelas de cozinha, Francisco pegou no saco, colocando-o sobre a panela da morte — ou, pelo menos, assim parecia à lulinha, que não teria mais do que um dedo de comprimento, sem contar com os tentáculos.

A Lula começou a esbracejar, ou a estentacular, mais precisamente, à medida que ia sendo aproximada da água fervente. Francisco começou a abrir o saco, esperando que a Lula caísse, mas, assim que se soltou, pregou-se ao seu braço.

Pânico. Francisco gritou, sentindo as ventosas a agarrarem-se com uma força incrível, como se tivessem atado um nó no seu membro. Esbracejou, mas só se cansou. A Lula, quanto mais se assustava, com mais força se agarrava. Ainda pensou em puxá-la com a mão que tinha livre, mas só a ideia de a tocar revoltou-o. Então, em desespero, fez a única coisa que pareceu sensata na altura.

Francisco esperou o braço na água a ferver, com um ar maniaco de triunfo, rapidamente substituído por um ar de terror assim que os nervos o informaram que o seu braço estava a ser cozido. O seu uivo de dor percorreu o andar inteiro. Arrancou o braço da panela, atirando-se contra a parede, mas a Lula ainda estava presa. Agitou o braço até que ela foi atirada para fora da cozinha e, para seu terror completo, para dentro da casa de banho.

Correu, para ver se impedia alguma tragédia, mas era tarde demais. Um rasto viscoso não deixava dúvidas. A Lula tinha escapado pela retrete.

A solução era simples. A partir de agora, Francisco tinha sempre de sair de casa para fazer as suas necessidades. A retrete tinha sido fechada permanentemente, pregada a tábuas de madeira.

O Dr. Brito aproveitava muito calmamente o intervalo entre pacientes para se actualizar com as vidas das estrelas, quando foi interrompido pelo cacarejar da sua secretária, "Você não pode entrar aí sem consultar", completado por um



estruondoso irromper pelo seu escritório adentro.

“Francisco, não pode entrar sem consulta.”, disse, calmamente, virando mais uma página de imprensa cor-de-rosa. Ao seu lado, tinha uma taça de massa pronta-a-comer, da qual se serviria de vez em quando com pauzinhos de plástico.

“Eles odeiam-me! Por que é que me odeiam?!”, gritou Francisco, tentando o mais possível não parecer insano. Com o menor sucesso possível, diga-se.

“Estive a ver os seus ficheiros.”, continuou o Dr. Brito no seu tom calmo e hipnótico, “Não me tinha dito que esta não era primeira vez que visitava um psicólogo. Neste caso, um psiquiatra. Tinha oito anos e a sua mãe, eu sabia que tinha a ver com a sua mãe, queria curá-lo da sua obsessão por... cefalópodes. Parece que ela achava que o Francisco gostava demasiado de chocos. O... “tratamento” parece-me algo excessivo, no entanto. Criaram-lhe propositadamente uma fobia a cefalópodes, usando hipnose e... bem... certos medicamentos que já não são permitidos.”

“Mas eu não me lembro de nada disso... eu gostava de polvos?”

“Amava-os, segundo uma entrevista sua. Não me parece muito saudável... é normal que não se lembre, foi tudo recalcado, faz parte do processo. Mas é reversível. É uma questão de voltar a associar os ditos animais às emoções positivas que lhe criaram a obsessão, e o medo artificialmente criado... desapaecerá.”

“É só isso?”

“É só isso. É claro que é um processo demorado, serão precisos meses, talvez anos, até estar perfeitamente...”

Dr. Brito, que tanto gostava do som da sua voz, ficou quase insultado quando viu Francisco irromper porta fora, tão deseducadamente como entrara. Mas um ar de preocupação, genuíno e inesperado, surgiu nas feições freudianas do bom doutor. “... curado.”, completou, finalmente.

Francisco não ouvia a maré há anos. E era tão terrível como se lembrava. Tivões e ondas a despenhar contra penhascos e rochas, que pareciam frágeis naquele mar revoltoso. Mas já nem sabia se as memórias eram dele. E, provavelmente, nem havia polvos ali, no mar. Mas ele estava lá, pronto para enfrenta-

los a todos. Aceitá-los.

Silêncio. Mas não o silêncio da natureza, pois as ondas trovejavam e as nuvens colidiam ainda umas com as outras furiosamente, cuspiendo raios. Silêncio da mente. De quem está prestes a saltar para o precipício e ainda tem tempo de voltar atrás.

Começou a sentir o frio, pavoroso e familiar, gosmento, a percorrer-lhe a perna direita acima. Mucosa a mucosa, pegando e despegando, rastejando. Um calafrio percorreu-lhe o corpo inteiro a partir da perna. Deu um passo em frente, em direcção ao mar. Da areia, surgiu lentamente outro tentáculo, igualmente monstruoso. Francisco cerrou os dentes e avançou. Já conseguia ver um mar de tentáculos, escondido por entre as águas. E continuou, pondo um pé dentro da água gelada. Começou a ouvir um sussurro espectral de um coro nascido de abismos marítimos. Tão aterrador, tão familiar.

“Tivemos saudades, Francisco. Bem-vindo de volta.”

Ele lembrou-se de cada palavra alienígena que antes ouvira. E à medida que entrava na água, Francisco abandonou o seu medo em terra, deixando-se puxar pelos tentáculos que lhe envolviam os braços. E enquanto os olhos desapaeceram na água turva e escura, um pequeno sorriso subaquático escondia-se do mundo terrestre para sempre.

Passado minúto e meio, Francisco deixou de conseguir respirar e, instintivamente, tentou voltar à superfície, abrindo a boca. Imediatamente, dois tentáculos irromperam-lhe a boca adentro, forçando-se para dentro dele, levando a água a entrar-lhe pelos pulmões... e à medida que todo o seu corpo ia sendo envolvido por um casulo de tentáculos, Francisco abandonou tudo o resto e deixou-se ir... ao fundo. Uma boca colossal cantava uma canção bela e hipnótica de que ele tinha tantas saudades.

“Dr. Brito?”, perguntou o Agente Morgado, entrando pelo consultório a dentro. Era um polícia à antiga, de barba e pança e farda.

“O próprio.”

“Quer confirmar que tinha um paciente de nome...?”, o Agente Morgado procurou o nome pelos papéis, apesar de saber perfeitamente qual era: “Francisco Antunes?”

“Sim... aconteceu-lhe alguma coisa?”, perguntou o Dr. Brito, com um ar mais culpado do que na realidade era. Suores frios percorriam-lhe as costas por dentro da sua cara camisa de seda, à medida que o seu pé batia nervosamente no chão.

“O Sr. Antunes foi encontrado afogado ontem, por volta das sete da tarde. Sabe se o seu comportamento, nos últimos tempos, era errático, suicida...?” perguntou o Agente Morgado, numa daquelas perguntas que não são perguntas, mas frases que se espera que o interlocutor complete.

Então, Dr. Brito tomou um dos comprimidos do seu colega psiquiatra. A sua fobia eram processos judiciais por negligência.